

COMO SUPERAR A CRISE QUE ESTÁ POR VIR

CICERO ZANETTI DE LIMA¹, TALITA PRISCILA PINTO²

Com a expectativa de redução do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil e de seus principais parceiros comerciais como consequência da pandemia de COVID-19, o agronegócio brasileiro deve sofrer dificuldades tanto relacionadas à oferta de insumos de produção, quanto relacionadas à demanda dos seus produtos. A soma de todos os efeitos desencadeados pela pandemia pode provocar uma redução no nível de atividade econômica e emprego sem precedentes.

A SOMA de todos os efeitos desencadeados pela pandemia de COVID-19 pode provocar uma redução no nível de atividade econômica e emprego sem precedentes na história do Brasil. O agronegócio será impactado de diversas formas, interna e externamente. É difícil prever a magnitude desses impactos tanto para a nossa economia, quanto para o agro, mas é certo que dias cada vez mais difíceis estão por vir. Este é o momento de aprendermos com o nosso passado recente e desenvolvermos ferramentas eficazes para a manutenção do emprego e da renda. A diferenciação de impostos e taxas para pequenos empresários e a redução da jornada de trabalho e dos salários (desde que temporária) são algumas das possíveis medidas que caminham nessa direção. Ao mesmo tempo, é necessário fortalecer o sistema de proteção social, especialmente para os mais vulneráveis.

CONTEXTO RECENTE

O agronegócio brasileiro fechou o ano de 2019 com recorde de produção, resultado impulsionado pelas safras de algodão e milho. No total, foram 242,1 milhões de toneladas de grãos, um crescimento

de 6,4% em comparação à safra anterior, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Já as exportações apresentaram uma redução de 4,3% em relação ao ano anterior, contudo o agronegócio aumentou a sua participação nas exportações totais do Brasil (42,3% para 43,2%).

Nem o maior dos pessimistas poderia imaginar todo o cenário que viria pela frente. Em 31 de dezembro de 2019, foi descoberta, na China, uma nova doença provocada pela contaminação de um novo coronavírus. Em 26 de fevereiro, o primeiro caso da doença denominada COVID-19 foi confirmado no território nacional, e, em 11 de março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia de coronavírus – uma crise sanitária mundial sem precedentes.

Com mais de 2.000 pessoas infectadas no Brasil e milhões de pessoas em sistema de quarentena no momento do fechamento deste artigo, pergunta-se: quais serão os impactos desses eventos sobre a economia brasileira em geral e o agronegócio em especial? O que esperar das medidas do governo brasileiro? O que esperar do comportamento da economia mundial? Responder a essas

perguntas não é tarefa fácil. Diversos choques estão atingindo ou atingirão a economia brasileira e o agronegócio.

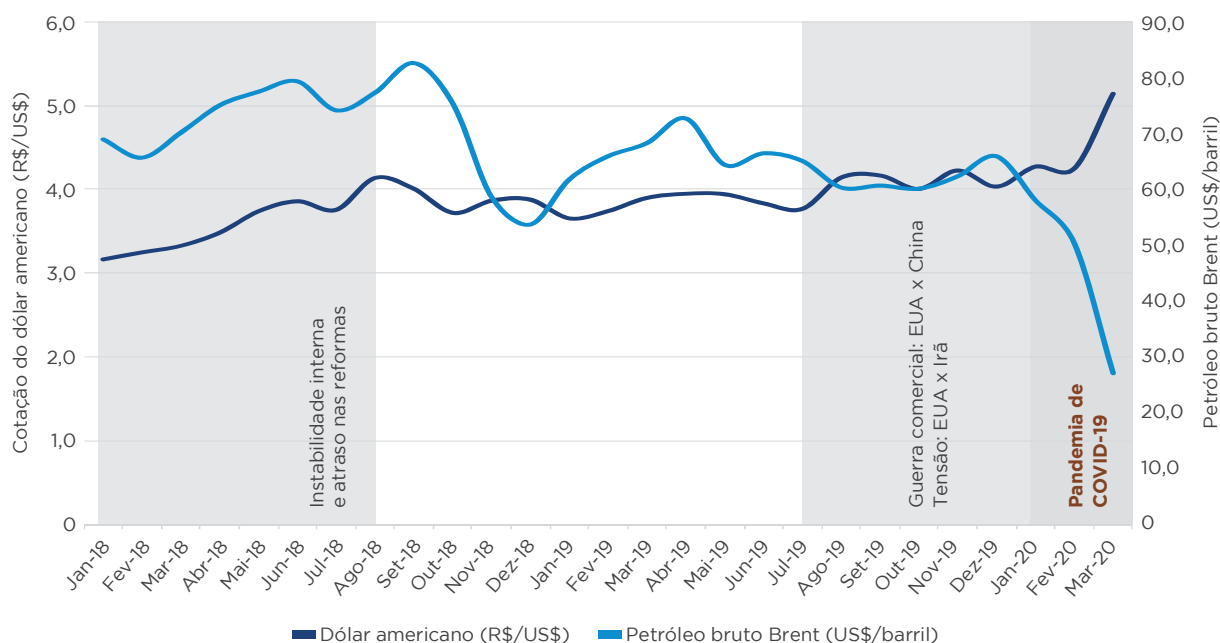
MERCADO INTERNO

Pela ótica do mercado doméstico, é o momento de aprendermos com o nosso passado recente. A greve dos caminhoneiros em meados de 2018 durou cerca de dez dias e paralisou diversos setores da economia, reduzindo significativamente o PIB daquele ano. Quais serão os efeitos de uma paralisação generalizada de todos os bens e serviços não essenciais por três ou quatro meses?

A expectativa de crescimento do PIB para 2020 já foi reduzida para 0,02% pelo governo federal. O sistema de quarentena força as pessoas – acertadamente, em benefício da saúde e da vida – a ficarem em casa. Entretanto, fica evidente que esse período reduzirá brutalmente a receita das empresas e das indústrias, o que pode implicar desemprego em massa. Além disso, trabalhadores informais também terão suas receitas negativamente afetadas.

O menor nível de emprego implica uma menor renda das famílias e uma menor

TAXA DE CÂMBIO: DÓLAR COMERCIAL (R\$/US\$) E VALOR DO ÓLEO BRUTO BRENT (US\$)



Nota: série histórica até 23 de março de 2020
Fonte: BCB; INVESTING 2020

demanda de bens e serviços. Portanto, esse canal afetará diretamente a parcela do agronegócio que leva comida à mesa de todos os brasileiros. Quanto maior for o tempo para controlar a contaminação com o novo coronavírus, maior será o tamanho do impacto. É o momento de o governo federal lançar mão do sistema de proteção social – urbana e rural – desenvolvido nas últimas décadas e implementar mecanismos inteligentes de diferenciação dos impostos para pequenas empresas e indústrias, pois, assim, os níveis de salário e emprego serão preservados, o que é fundamental para quando a quarentena terminar.

MERCADO EXTERNO

Pelo lado externo, precisamos ficar atentos aos nossos principais parceiros comerciais. Nesse ponto, a interação dos efeitos é mais complexa e ainda mais incerta. Grande parte das importações do agronegócio – insumos de produção – vem do Mercado Comum

do Sul (MERCOSUL) e de países associados (45,2%), da União Europeia (UE – 20,6%), dos Estados Unidos (EUA – 9,8%) e da China (7,6%), segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). O menor crescimento dessas economias, associado à desvalorização do real frente ao dólar americano, reduz a nossa capacidade de importação – seja pelo maior custo da importação ou pela redução da atividade econômica (oferta) do país parceiro. E esses efeitos afetam diretamente a produção e a produtividade da agricultura e das agroindústrias.

Por outro lado, cerca de 32% das exportações do agronegócio estão concentradas na China, 17,3% na UE, e 7,4% nos EUA, segundo o MAPA. O efeito da pandemia desacelerará o crescimento econômico desses países e blocos econômicos. A menor demanda internacional está pressionando para baixo os preços em dólar das *commodities*. Esses efeitos serão traduzidos em uma deterioração da balança comercial do

agronegócio, a despeito do aumento da competitividade das *commodities* de exportação do Brasil via desvalorização da taxa de câmbio.

Além disso, o recuo de quase 60% do preço do petróleo implica uma deterioração dos termos de troca no Brasil. Segundo o governo federal, o índice proprietário de *commodities* (IC-SPE) já recuou mais de 20% desde o primeiro óbito em decorrência da COVID-19 confirmado na China, em 11 de janeiro. A redução no preço do petróleo diminuiu a competitividade da produção de etanol no Brasil, aumentando ainda mais os desafios para a implementação de políticas agroambientais como o RenovaBio. ■

1Pesquisador do Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas (FGV Agro) – cicero.lima@fgv.br

2Pesquisadora do FGV Agro – talita.pinto@fgv.br